

Personagens emolduradas: os discursos de gênero e sexualidade no big brother Brasil 10.

Katianne de Sousa Almeida.

Cita:

Katianne de Sousa Almeida (2010). *Personagens emolduradas: os discursos de gênero e sexualidade no big brother Brasil 10*. VII Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, San Pedro de Atacama.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/vii.congreso.chileno.de.antropologia/51>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eYYc/fHQ>

Personagens emolduradas: os discursos de gênero e sexualidade no big brother Brasil 10

Katianne de Sousa Almeida¹⁸⁶

RESUMO

Abrir os olhos e ver. Não há nada mais incrível que o ato de enxergar as inúmeras possibilidades que estão diante dos nossos olhos: as imagens, pois são muito mais que uma junção de cores e formas, produzem significado e, logicamente, símbolos. Neste artigo, interessou-se pelas imagens transmitidas pelo programa de televisão Big Brother Brasil. Atualmente, afirma-se que as identidades são fluidas, dinâmicas, múltiplas, então, por que esse programa, que traz a ideia de realismo da contemporaneidade – reality show –, produz imagens “fixas” de comportamentos “feminino” e “masculino”? Ao se propor desnaturalizar o Big Brother Brasil se quer compreender como um produto audiovisual assistido por pessoas das mais variadas idades, classes sociais, gêneros e de diversas regiões do país pode influenciar, sedimentar ou colocar em reflexão as convenções formais de gênero.

Palavras-chave: mídia, papéis sexuais, Big Brother Brasil.

RESUMEN

Abre los ojos y ver. No hay nada más increíble que el acto de ver las muchas posibilidades que tenemos ante nuestros ojos: las imágenes, porque, además de ser una amalgama de colores y formas, producen sentidos, por supuesto, los símbolos. En este artículo, se interesó por las imágenes transmitidas por el programa de televisión “Big Brother Brasil”. En la actualidad, se argumenta que las identidades son fluidas, dinámicas, múltiples, entonces, ¿por qué ese programa, que trae la idea del realismo contemporáneo -"reality show"-, producen imágenes “fijas” de los comportamientos femeninos e masculinos? Al proponer desnaturalizar el programa “Big Brother Brasil” se quiere entender cómo un audiovisual visto por personas de diferentes edades, clases sociales, sexos y de diferentes regiones del país pueden influir, o poner en consideración las convenciones del género.

Palabras claves: medios de comunicación, los roles sexuales, el “Big Brother Brasil”.

ABSTRACT

Open your eyes and see. There is nothing more amazing than the act of seeing the many possibilities that are before our eyes: images, they are much more than an amalgamation of colors and shapes, and produce meaning, of course, symbols. In this article, I became interested in the images broadcast by the television program Big Brother Brazil. Currently, it is argued that identities are fluid, dynamic, multiple, so for that program, which brings the idea of contemporary realism - reality show – will it produce images of "fixed"

¹⁸⁶ Mestranda pela Universidade Federal de Goiás. Rua C-160 Quadra 331 lote 20 Jardim América, Goiânia, Goiás, Brasil. CEP 74255-130. ksantropologia@gmail.com.

TOMO II – VII CONGRESO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA
ANTROPOLOGÍA EN EL BICENTENARIO. RETROSPECTIVAS, INTERESES DEL
PRESENTE, APERTURAS

"feminine" and "masculine" behavior? When proposing to denaturalize Big Brother Brazil, the aim is to understand how an audiovisual attended by people of varying ages, social classes, genders and from different regions of the country can influence, or put in sedimentary reflection formal conventions of gender.

Keywords: media, sex roles, Big Brother Brazil.

A televisão pode nos levar a pensar sobre a sociedade, pois ela traz elementos para refletir as relações sociais e seus programas nos mostram traços destas relações, como a valorização das formas do corpo, a exacerbação da sexualidade, a sacralização da família heterossexual, entre outros aspectos em que se ressalta que os produtores dos programas estão inseridos numa teia de relações que caracterizam a nação brasileira e internalizam certos valores que, conseqüentemente, aparecem na produção e transmissão dos programas.

Neste artigo farei considerações sobre o conteúdo discursivo do programa Big Brother Brasil¹⁸⁷ em sua décima edição, ressaltando a exposição de poder sobre os corpos, sobre posturas, sobre papéis sexuais. Com o slogan de BBB da diversidade, pois o programa contava com três participantes homossexuais, sendo uma lésbica (Angélica), um gay (Sérgio) e uma drag queen (Dicesar) a produção do programa não fugiu de alguns paradigmas morais e modelos corpóreos que delimitam os campos do aceitável, do dizível, do compreensível, ou seja, continuou-se reproduzindo as representações tradicionais e lineares de homens, mulheres e homossexuais.

Da diversidade prometida para a normatividade impositiva

Conforme Mauss (2003) o sujeito é uma construção social dentro de cada sociedade, isso nos dá alguma indicação sobre a variabilidade da cultura em nosso planeta. A nossa forma de andar, de sentar, de olhar, de gesticular, de falar, de fazer sexo, enfim todas as ações que envolvem o uso de qualquer parte do corpo não estão implícitas na nossa morfologia. O conjunto de nossas atitudes é resultante de uma construção social, ou seja, o social opera no âmbito mais íntimo do indivíduo, o *locus* concreto do ser: o seu corpo. Desta forma, analisar as construções dos sujeitos de um programa de televisão é objeto da antropologia, por excelência.

Os programas de televisão compõem um *locus* especial de análise da ação do discurso e das imagens modelando os corpos e assujeitando-os a certas representações aceitáveis de mulheres e homens, reduzindo a diversidade do que pode ser vivido no âmbito da feminilidade e da masculinidade. Este recurso do cotidiano de polarizar a diversidade humana em formatos binários -mulher e homem- é uma tentativa de se criar valores e modelos de perfis físicos, morais e mentais do homem verdadeiro e da mulher verdadeira. Quero dizer que isto é uma visão linear de masculinidade e de feminilidade. Os homens assim como as mulheres são submetidos a modelos de performance e comportamento no qual se constroem os estereótipos.

¹⁸⁷ Nas próximas referencias o termo Big Brother Brasil será substituído por sua sigla BBB.

TOMO II – VII CONGRESSO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA
ANTROPOLOGÍA EN EL BICENTENARIO. RETROSPECTIVAS, INTERESES DEL
PRESENTE, APERTURAS

Veamos abaixo nos resumos dos perfis, retirados do sítio oficial do BBB¹⁸⁸, das nove participantes (as *sisters*) escolhi para este artigo três *sisters*, em que pude identificar as representações que continuam mantendo os lugares tradicionalmente traçados segundo a ideia de “natureza feminina”. Sendo esta ligada a docilidade, a passividade, a emotividade, a intuição.

A construção das sisters pelo programa

Aqui destaco os perfis de três *sisters* (Anamara, Fernanda e Lia)¹⁸⁹ demonstrando que há um enfoque as referências quanto a afetividade, a sobreposição dos sentimentos à razão e a sexualidade. Em cada apresentação das sisters também as envolvi numa moldura (em referência ao título deste artigo) que não foi de forma alguma aleatória, seguiu o formato da edição do programa e, muitas vezes, como a participante queria ser reconhecida publicamente.



figura 1 – Anamara: a mulher fogosa

“Anamara não esconde a vontade de **arrumar um amor dentro da casa**. (...) Quanto ao jogo, Anamara garante *não ter criado nenhuma estratégia* em relação à convivência com o grupo. ‘Lá dentro vale tudo, menos passar por cima das pessoas. Eu só não suporto picuinha. Se não gosto de alguém falo na cara’. A baiana garante que **não leva desaforo pra casa**. ‘Se for pra **arrumar confusão** vamos que vamos. Vou mostrar o que a baiana tem’”. (grifos meus).



figura 2 – Fernanda: a mulher perfeitinha

“**Tímida e religiosa**, a cirurgiã dentista afirma que não tem intenção de ficar com ninguém durante sua passagem no BBB e que sua maior companhia no programa será a Bíblia” (grifos meus).



figura 3 – Lia: a mulher dinamite

“E não só nas festas ela promete agitar o jogo. ‘Vou tentar **domar um pouco meu gênio, sou impaciente**’, confessa. ‘Sou marrenta, **sou emotiva**, sou chorosa, mas não aguento frescura. Nem em mulher, nem em homem... Em homem, então, pelo amor de Deus!’, ressalta a paulista de personalidade forte” (grifos meus).

¹⁸⁸ Fonte: www.bbb.globo.com

¹⁸⁹ Estas três participantes foram escolhidas dentre as outras pelo fato de seus perfis darem enfoque ao aspecto emotivo.

TOMO II – VII CONGRESO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA
ANTROPOLOGÍA EN EL BICENTENARIO. RETROSPECTIVAS, INTERESES DEL
PRESENTE, APERTURAS

Nos perfis destas participantes supracitadas grifei alguns termos que evocam o debate que se acirrou na literatura contemporânea sobre a sexualidade e gênero: natureza versus cultura. Conforme os estudos de Foucault (1985, 2004), Rich (1980), Rubin (1989, 1993), Wittig (2006), Butler (2005), Scott (1996, 2005), Heilborn (1994) e Petchesky (s/d)., entre outras e outros, é preciso desconstruir a ideia que o sexo é vinculado ao natural, ao instinto e o gênero à cultura.

Tendo como base os argumentos de Butler (2005) a categoria sexo assim como a categoria gênero são todas discursivas e ligadas à esfera da cultura. O sexo, portanto, não é uma substância, ou algo entranhado nos genes humanos, ele é relacional, ou seja, só existe o sexo feminino porque há o estabelecimento de diferenças com o sexo masculino. A identidade que é vinculada ao sexo feminino existe devido a sua referência ao sexo masculino.

Conforme Wittig (1980) a categoria sexo não se constitui como algo advindo da natureza e depois transformado em cultura, o sexo sempre é político, faz parte da cultura, é um discurso, uma linguagem. E como discurso é a própria percepção do real, exercendo, portanto, um poder bem definido sobre todas as pessoas.

Como Butler (2003) faz uma desconstrução dessa visão sexo/gênero, logicamente, também critica o pensamento imposto ao corpo da mulher de ser passiva, recatada, mãe e objeto de desejo. Para ela o corpo não tem nenhum significado já dado, ou seja, pré-estabelecido. Houve uma regulação por parte de anos e anos de dominação masculina que impôs a condição de proliferação da humanidade resignada à mulher.

Muitos dos comportamentos e atitudes frisadas nestes depoimentos das participantes acima mostram condutas que precisam ser domesticadas, como a impaciência, o “não levar desaforo para casa”, a arrogância; todas essas características tentam passar uma concepção da mulher como um ser apegado a suas emoções (plano da natureza) e que precisa ser “domada” pela razão, por aquilo que é tido como racional (plano da cultura).

Portanto, percebe-se que há uma naturalização das noções que são construídas culturalmente. Isso é um subterfúgio dos discursos de dominação para subjugar um sexo pelo outro, admitindo que haja uma divisão natural entre mulheres e homens e que cada um encontra-se sob uma estrutura, sendo a primeira relegada à natureza e o segundo à cultura. Essas considerações repetidas forma como considerou Wittig (2006) espírito e corpo, porque controla toda a produção mental, agregando o espírito de tal maneira ao corpo que não se consegue imaginar algo fora deste binarismo.

O perfil das mulheres acima as desenhou em torno de assuntos relacionados a sedução e sexo, emotividade, necessidade ou não de arrumar um amor romântico. A ausência de um pensamento estratégico e prático diante de um jogo que vale um milhão e meio de reais demonstra o descrédito ao próprio nível intelectual das mulheres que participam do *reality*. Muitos enfocam que as mulheres que estão ali pensam mais em sua imagem para receberem convites das revistas masculinas, como *playboy* e *sexy*, do que a capacidade de ganharem o jogo por suas qualidades e comportamentos.

E que venham os brothers

Com base em concepções sócio-culturais compreendemos “a masculinidade como um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotados” (Gomes 2008:70). Nesse sentido, situada no âmbito do gênero, a masculinidade representa um conjunto de atributos, valores, funções e condutas que se espera que um homem tenha em uma determinada cultura.

Abaixo estão alguns recortes dos perfis de três participantes homens¹⁹⁰ (os *brothers*) em que ressalto, em negrito, a construção discursiva do que estaria relacionado ao que seria parte de uma masculinidade aceitável (Alex e Marcelo Dourado), contudo também escolho expor o perfil de um dos *brothers* (Eliéser) que foge de uma imagem masculina hegemônica e por este fator -demonstrações de subjetividades masculinas- sofreu diversas punições em formato jocoso tanto pelos outros participantes quanto pelo apresentador e narrador do programa, o jornalista Pedro Bial.



figura 4 – Alex: o homem prático

“O meu foco é o prêmio. É com essa firmeza que o advogado Alex, de Suzano (SP), define sua maior motivação para enfrentar os dias de confinamento no BBB 10” (grifos meus).



figura 5 – Marcelo Dourado: o homem valentão

Você se envolveria com alguém na casa? Se for bonita, gostosa, não encher o saco e se eu estiver no clima. Um homem bonito: Não acho homem bonito. (grifos meus).



figura 6 – Eliéser: um tipo peculiar de hétero

“Solteiro, ele confessa ter ficado deprimido com término do último relacionamento. No entanto, garante que está recuperado e pronto para novas aventuras amorosas. ‘Debaixo do edredom, vale tudo’, brinca”. (grifos meus).

¹⁹⁰ Os dois participantes (Alex e Marcelo Dourado) foram escolhidos dentre os outros pelo fato de seus perfis darem enfoque a racionalidade, a competitividade, dominação e no caso de Eliéser, a escolha se deu pela demonstração de sua subjetividade em contraponto aos outros perfis masculinos heterossexuais.

TOMO II – VII CONGRESO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA
ANTROPOLOGÍA EN EL BICENTENARIO. RETROSPECTIVAS, INTERESES DEL
PRESENTE, APERTURAS

A masculinidade hegemônica, conforme Badinter (1993) consiste na exaltação da imagem do homem como ser competitivo e desprovido de toda e qualquer subjetividade. Além de se caracterizar por uma posição de autoridade cultural e liderança. Entretanto, esse modelo não é totalmente dominante, uma vez que outras formas de masculinidades persistem ao lado dele, contudo ressalto que estas outras formas ao fugirem da estrutura hegemônica sofrem punições.

Em geral, as representações -de ser homem- contidas acima reforçam o modelo hegemônico de masculinidades que se estrutura por meio dos eixos da heterossexualidade e da dominação. Os recortes acima constroem a naturalização de papéis, em que a essência masculina está atrelada ao trabalho, à produção, à praticidade. Este discurso advém da aprendizagem social, em que os indivíduos são ensinados desde cedo as atitudes e comportamentos partilhados por sua comunidade, incluindo estes estereótipos citados anteriormente. Esta é a “forma natural” de se pensar o sujeito masculino.

As essências ou perfis fazem parte de uma abordagem de interpretação do outro por meio de estereótipos, estes talvez sejam, antes de qualquer coisa, uma forma de simplificarmos a representação do outro, ou seja, um recurso do cotidiano. Com o auxílio de Nunan o conceito de estereótipo pode ser entendido como “um comportamento funcional e adaptativo, pois com frequência é uma forma de simplificar e agilizar nossa visão de mundo, julgando pessoas ou situações em termos de categorias” (Nunan 2003: 61).

Esta forma de simplificar as pessoas (os estereótipos) também foi usada com os participantes do BBB 10 nas referências das legendas, nota-se que utilizei dos estereótipos para concluir que o comportamento ou a própria pessoa se reduz a um aspecto de sua personalidade ou a uma determinada situação. E a consequência disto podem ser generalizações incorretas que “sufocam” o sujeito não permitindo que estes sejam percebidos e tratados em sua completude, negando-lhes, muitas vezes, o direito destes mostrarem outras características suas. Neste sentido, conforme Nunan (idem) o estereótipo pode ser visto como forma de controle social.

No caso de Eliéser o controle social fora feito por comentários jocosos tanto pelos participantes que conviviam na casa com este, assim como pelo apresentador do programa, o jornalista Pedro Bial. Abaixo apresento algumas considerações sobre o comportamento de Eliéser:

Cláudia desconfia que Eliéser seja gay - o jeito do paranaense desperta desconfiança em Cláudia

Deitada no Puxadinho com Dicesar, Cláudia confessa: "Acho que ele (Eliéser) é gay". Dicesar diz que não acredita nisso e pergunta o motivo para desconfiança. "Sei lá, o jeito que ele dança". O maquiador fala que os homens modernos são diferentes. "Eles estão ligados em músicas, vídeoclipes, em Madonna, Lady Gaga. Ele é descolado". A empresária conta que Eliéser (Belos) é bem diferente dos homens com quem costuma se relacionar. "Sempre namorei com caras machões". Durante a conversa, Eliéser entra no quarto e Cláudia diz: "Eu disse para o Dimmy que achava que você fosse bissexual". Supreso, o

TOMO II – VII CONGRESO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA
ANTROPOLOGÍA EN EL BICENTENARIO. RETROSPECTIVAS, INTERESES DEL
PRESENTE, APERTURAS

paranaense pergunta: "O que é bissexual?". Eliéser nega e deita na cama com Dicesar e Cláudia. "Eu fiquei ofendido com o que você disse". Cláudia e Dicesar diz que não tem motivos para ele ficar ofendido. Cláudia tenta contornar a situação. "Na verdade eu disse que você parecia ter tendência, não que você fosse gay". Dicesar desmente: "Mentira, você disse que ele era gay". Os dois começam a rir e o engenheiro agrônomo sai do Puxadinho. Dicesar fala para Cláudia ir atrás de Eliéser, mas ela não vai. Ela ri e diz que o maquiador entregou ela. "Eu tenho direito a ter minhas dúvidas" (<http://bbb.globo.com/>).

Por último deixei a análise dos participantes gays. Nos perfis (editados pela produção do programa) destes participantes (Sérgio, Dicesar e Angélica) os discursos refletiram as crenças e posicionamentos da sociedade brasileira que ridiculariza a imagem dos homossexuais reduzindo-os a festeiros, glamurosos e com interesses fúteis. Vejamos abaixo:



figura 7 – Sérgio: o gay performático

“No que depender do estudante de moda Sérgio Barros, a décima edição do Big Brother Brasil será **"arrasante"**. Gay assumido, **baladeiro, alternativo** – "não sou emo", frisa –, o paulista de 20 anos entra na disputa pelo prêmio milionário para mostrar que todo mundo é igual e ninguém deve ter vergonha do que é. Coragem para fugir dos padrões e encarar as críticas alheias realmente não falta ao brother: **ele gosta de se maquiar, usa chapinha no cabelo, veste-se mesclando as últimas tendências de moda com seu toque pessoal, tem cinco piercings e adora posar para fotos com seu visual"**. (grifos meus).



figura 8– Dicesar: o gay falso

“Se para muitos **o pôr-do-sol indica o fim do dia**, para o maquiador Dicesar, de 44 anos, a jornada de trabalho ainda está na metade. Durante o dia, ele trabalha entre **pinceis e cosméticos** para embelezar suas clientes. **Quando a noite chega**, dedica seu talento para o próprio rosto e se transforma em Dimmy Kieer, **uma drag queen que brilha em palcos** de boates por todo o Brasil”. (grifos meus).



figura 9 – Angélica: a mulher morango

“Seu maior receio dentro da casa é passar por arrogante, mas ela avisa: **Eu tenho personalidade forte, mas não quero que confundam com grosseria**”. Angélica abomina a falsidade e diz que a convivência na casa pode ser bem melhor se cada um respeitar o outro. ‘Uma das coisas que todos podem esperar de mim é o respeito. **Não me irrita fácil, não sou barraqueira**’” (grifos meus).

TOMO II – VII CONGRESO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA
ANTROPOLOGÍA EN EL BICENTENARIO. RETROSPECTIVAS, INTERESES DEL
PRESENTE, APERTURAS

Em vários momentos da edição do BBB 10 mostraram-se imagens negativas dos *brothers gays*. Angélica (lésbica), por exemplo, tinha destaque somente nos momentos em que falava de sexo, relacionando-a a uma imagem de assanhada e perversa. Em vários jogos da verdade acontecidos nas segundas-feiras Dicesar sempre era escolhido como o mais falso da casa, logo, uma ideia do gay sem caráter e pelos jogos de sedução entre Sérgio e Fernanda, o primeiro foi considerado como um gay malandro, pois fingia ser homossexual para agarrar as mulheres.

Sobre Angélica:

No jardim, as sisters falam do próprio comportamento nas festas. Lia comenta sobre uma posição sexual e se oferece para dar uma aula para as outras sisters. Fernanda é a primeira que se prontifica a participar da aula. Lia fala sobre quais delas seriam safadas e quais fingiriam ser quietinhas. ‘Eu não sou safada, sou ordinária’, brinca Angélica.

Desafios eróticos animam a noite no Quarto Branco. Angélica, Cláudia e Sérgio se divertem com jogos apimentados. A primeira noite dos três confinados do Quarto Branco foi das mais animadas. Angélica, Cláudia e Sérgio se divertiram bastante com conversas sobre sexo e desafios eróticos ao longo da madrugada (fonte: <http://bbb.globo.com/>).

Sobre Dicesar:

Depois da brincadeira com Bial, de saber quem é o mais falso da casa, Dicesar desabafa com Fernanda no banheiro. ‘Eles vão me achar falso até me tirarem daqui’, afirma o maquiador. Dicesar diz estar chateado por muitas pessoas da casa acharem ele falso. ‘Eu não fico lambendo eles mais. Enquanto eles não me tirarem daqui de dentro, serei falso pra eles. Eu não fico entrando na onda deles’, completa o maquiador. Fernanda tenta consolar o brother e diz para ele não levar a sério a brincadeira. ‘Não encare isso como falsidade’, afirma a sister. A dentista indicou o Dicesar como o mais falso no confessionário (fonte: <http://bbb.globo.com/>).

Sobre Sérgio:

Cadu diz que Sérgio é malandro e não engana ninguém. Para Cláudia, estudante é bissexual. Bial fala com Cadu e quer a opinião do brother sobre a sexualidade de Sérgio. ‘É malandro. Tá aí com essa cara, mas não engana ninguém. Tá se aproveitando de todas as meninas. Já viu todas peladas’, o carioca diz (fonte: <http://bbb.globo.com/>).

Esses discursos sobre a homossexualidade demonstram o quão reprovável esta orientação é considerada. Além de ser tomada pela sociedade global como um caráter diferencial estranho, reprovado pela cultura, como uma doença social. Mesmo trocando o vocábulo homossexualismo por homossexualidade, no imaginário da maioria da população ainda se refere a todo o arcabouço simbólico do primeiro, ou seja, a ideia de desvio de um padrão normal, de anormalidade, carregando consigo, realmente, uma carga semântica negativa.

TOMO II – VII CONGRESO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA
ANTROPOLOGÍA EN EL BICENTENARIO. RETROSPECTIVAS, INTERESES DEL
PRESENTE, APERTURAS

O *reality show* -Big Brother Brasil- assim como as novelas e outros programas de televisão representam demasiadamente a mulher no universo do privado, dos cuidados com a beleza, da emoção, da fofoca, do romance e do consumismo, sendo assim um universo oposto ao domínio da racionalidade, da conversa substantiva, do trabalho e do suporte familiar associado ao universo masculino. E para os homossexuais reserva-se o espaço da sexualização demasiada, falsidade e amoralidade. Essas seriam considerações estereotipadas das relações de gênero e também de sexualidade.

Para Margaret Mead (2000) as formas em que se desenvolve o comportamento de homens e mulheres não é feita de forma neutra e, também para Mauss (2003) a forma como o corpo é utilizado também não é neutro, ou seja, o uso do corpo é um instrumento de tradução das relações sociais presentes em determinada organização social. Ora “para saber por que ele faz determinado gesto e faz outro, não bastam nem fisiologia nem psicologia da dessimetria motora do homem, é preciso conhecer as tradições que impõem isso” (Mauss 2003: 411).

Se há, portanto, uma concepção consolidada sobre a existência de formas múltiplas de comportamento masculino e feminino, por que se continua fazendo formulações e reformulações de um perfil? Por meio de uma perspectiva foucaultiana pode-se encontrar uma resposta a esta questão. O perfil seria um mecanismo de poder necessário para a regularidade dos corpos. Ele também é um instrumento capaz de aprisionar e vigiar. No entanto, com base nos pressupostos teóricos de Foucault (2004) a função essencial do perfil não é proibir e punir, mas sim de produção, de intensificação e multiplicação.

De acordo com Swain (1999) quando se quer traçar um perfil é muito fácil cair no essencialismo, pois o perfil é algo estável marcado por uma experiência unívoca dentro de um bloco homogêneo e monolítico de coerência, portanto, determinar o que é uma mulher ou um homem (seus corpos, suas ações e imaginário) é uma tarefa impossível.

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor Alessandro José Prudêncio Ratts vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, Brasil, pela orientação na dissertação que proporcionou a confecção deste artigo.

Referencias citadas

BADINTER, E., 1993. *XY: sobre a identidade masculina*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

BUTLER, J., 2003. *Problemas de gênero: feiunismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

_____, 2005. *Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Paidós, Buenos Aires.

FOUCAULT, M., 1985. *Microfísica do Poder*. Graal, Rio de Janeiro.

TOMO II – VII CONGRESO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA
ANTROPOLOGÍA EN EL BICENTENARIO. RETROSPECTIVAS, INTERESES DEL
PRESENTE, APERTURAS

_____, 2004. *Ética, sexualidade e política*. Forense Universitárias, Rio de Janeiro.

GOMES, R., 2008. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Fiocruz, Rio de Janeiro.

HEILBORN, M. L., 1994. De que gênero estamos falando? *Sexualidade, Gênero e Sociedade*. 1(2):1-8.

MAUSS, M., 2003. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. En *Sociologia e Antropologia*, M. Mauss, pp. 367-397. Cosac & Naify, São Paulo.

MEAD, M., 2000. *Sexo e temperamento*. Editora Perspectiva, São Paulo.

NUNAN, A., 2003. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Caravansarai, Rio de Janeiro.

PETCHESKY, R., 2008. Políticas de derechos sexuales a través de países y culturas: marcos conceptuales y campos minados. En *Políticas sobre sexualidad: reportes desde las líneas del frente*, R. Parker, R. Petchesky y R. Sember. México.

RICH, A., 1980. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs, Journal of women in culture and society* 5:631-650.

RUBIN, G., 1989. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. En *Placer y peligro. Explorando la sexualidad femenina*, C. S. Vance (Org.), pp. 113-190. Talasa Ediciones, Madrid.

_____, 1993. *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. SOS Corpo, Recife.

SWAIN, T. N., 1999. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. En *Cadernos Pagu* n. 12., K. A. M. Bessa (Ed.), pp. 109-120, Unicamp, Campinas, São Paulo.

SCOTT, J. W., 1996. El género: una categoría útil para el análisis histórico. En *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*, LAMAS, M. Compiladora PUEG, México.

_____, 2005. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, pp. 11-30, 13(1), janeiro-abril. Florianópolis.

WITTIG, M., 1980. O pensamento hetero. Palestra conferida em 1978, publicada em 1980. Disponível em: <http://www.geocities.com/girl_ilga/textos/pensamentohetero.htm> Acesso em 17 de junho de 2009.

_____, 2006. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Egales Editorial, Madrid.

TOMO II – VII CONGRESO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA
ANTROPOLOGÍA EN EL BICENTENARIO. RETROSPECTIVAS, INTERESES DEL
PRESENTE, APERTURAS

Sítios

<http://bbb.globo.com/BBB10/Home/0,,17400,00.html> Acesso em 10 de maio de 2010.